

Os Pequenos Pardais - INTRODUÇÃO

Para Luiza dos Santos, ser professora era uma vocação que desde a mais tenra idade ela sabia que seguiria. Quando brincava de escolinha com as suas bonecas, procurava seguir a mesma didática que via suas próprias professoras do jardim de infância lidar com ela e sua turma. Já na adolescência, as bonecas cederam lugar a seus irmãos mais novos, que, com dificuldade em alguma matéria na escola, tinham na irmã uma paciente e excelente professora particular que seus pais não podiam pagar. Ela tinha facilidade em explicar quantas vezes fossem necessárias a matéria em questão, principalmente aritmética, a quem quer que desse aulas, o que fez dela, ainda antes de entrar para a faculdade de letras, uma concorrida professora, o que a ajudou a ganhar um certo dinheiro, dinheiro este que investiria mais tarde na sua educação superior.

Após se formar em letras, contrariando a vontade dos pais, que viam em sua facilidade com números uma possibilidade de uma carreira mais promissora como economista ou engenheira, prestou concurso para professora estadual. Uma vez aprovada e convocada, trocou o lar dos pais, no centro de Niterói, estado do Rio de Janeiro, por um quarto de uma pensão na cidade de Mendes, interior do estado, onde foi alocada como professora assistente da turma da terceira série do primário da escola Estadual Presidente Kennedy. Dedicada ao extremo a turma, logo chamou atenção do corpo docente e também dos pais, que vinham na jovem professora uma promessa de boa educação para seus filhos, e em dois anos foi promovida a professora principal da terceira série, quando a que ocupava esse cargo se aposentou.

Mesmo com todos os reveses que o ensino público vinha sofrendo nas últimas décadas, Luiza ainda via a sua profissão com certo glamour e tinha certeza de que todas essas dificuldades poderiam ser dribladas com astúcia, determinação e boa vontade, algo que infelizmente não via ser compartilhado com a maioria dos seus colegas professores, nem naquela, nem em outra escola de Mendes. Mas ela não desistiu e colocou como meta pessoal não abandonar seus alunos ao descaso que o próprio estado os havia imposto. Chegou a colocar de lado sua vida pessoal em prol da educação dos pequenos. Ela não era, claro, um primor de beleza, sempre teve certeza disso. Fugia com eficácia dos modelos de beleza contemporâneos, mas também sabia

que não era de todo feia e que, se quisesse, ainda poderia chamar alguma atenção do sexo oposto. Chegou a aceitar o flerte de algum colega, mas nunca se envolveu mais intensamente, chegando mesmo a negar seus instintos mais básicos, o que logo trouxe a ela a infundada fama de frígida ou mesmo assexuada, ainda que ninguém nunca tivesse dito isso a sua frente. Ela simplesmente não ligava. E muito menos dava ouvidos aos apelos da mãe para que arrumasse um bom partido, se não naquele fim de mundo, como costumava se referir ao interior do estado, na capital, onde suas chances de sucesso no amor e até mesmo na profissão seriam melhores. Sem falar, claro, em filhos. Nem sua mãe, nem suas tias, muito menos as amigas e colegas em Mendes entendiam como alguém que gostava tanto de crianças poderia já estar chegando aos trinta anos sem ter tido filhos. Mas Luiza se defendia, afirmando, mais para si mesma, que a questão não era se gostava ou não de crianças; a sua paixão era mesmo lecionar. Para tanto, sua paciência com os pequenos se justificava. De qualquer maneira, para tentar apaziguar os ânimos daqueles que insistiam em dizer que ela era mais uma mãe do que uma professora, pleiteou uma vaga de professora de matemática da quinta-série. Lidar com pré-adolescentes seria um novo desafio e poria certamente sua paciência em teste, quiçá em cheque, além do que precisava do dinheiro extra que viria a ganhar.

E certamente o fez. Ela estava acostumada há muitos anos com alunos de no máximo nove anos de idade, a quem podia controlar com mais facilidade, nunca, claro, apelando para a brutalidade, mesmo que verbal, com que via colegas fazer, mas agora, com alunos com doze ou treze anos, ela estava encarando um novo patamar. Mas não se deixou vencer. Ela sabia que tanto crianças como adolescentes testavam os adultos, principalmente aqueles a quem não deviam tanta obediência e respeito como a seus pais, e procurou dar o melhor de si. Nas noites em que não havia provas a corrigir, sentava-se em sua poltrona na sala da casa de dois cômodos, simples, mas aconchegante, que conseguiu alugar após alguns anos morando na pensão, e estudava sobre a psicologia e a pedagogia adequadas aquela nova turma e sempre que podia punha em prática as didáticas aprendidas. Mas para a sua surpresa, e até decepção, nem tudo dava certo e ela, pela primeira vez em sua vida, assumiu que lecionar não era o mar-de-rosas que ela idealizava nesses quase dez anos de profissão.

Ela começava a se sentir cansada, mas ainda faltava mais de 15 anos para sua aposentadoria. Não estava arrependida da escolha que fizera, de pegar uma turma de quinta-série para lecionar, pelo menos não assumia esse arrependimento. Mas aquela

tarde chuvosa e quente de dezembro, quando estava repondo as aulas que a greve dos professores estaduais a obrigou a faltar por quase um mês, foi a primeira vez que conferiu as horas no relógio de pulso para saber quanto tempo faltava para poder se livrar de tudo aquilo e ir para casa. Infelizmente, foi a última também.

Luiza terminara de explicar a matéria na lousa e lembrou-se de que não havia feito a chamada. Estava a ponto de deixar passar quando teve um ímpeto da boa vontade que outrora lhe transbordava, e resolveu conferir a presença dos alunos.

– Pela hora, pensei que ia deixar para a amanhã – comentou um de seus alunos, com um colega ao lado.

– Eu ouvi isso, senhor Ricardo – disse Luiza, sem tirar os olhos da chamada.

– Ela tem ouvidos de lince – disse Ricardo, dessa vez procurando soar mais baixo.

– Eu não tenho ouvidos de lince, senhor Ricardo – afirmou Luiza, agora encarando aquele que ela considerava seu aluno mais problemático e certamente aquele que num futuro próximo a convenceria a abandonar de vez a carreira. – Eu poderia ter “olhos de lince”, mas como preciso usar óculos, percebe-se que não tenho. E por isso mesmo acabei desenvolvendo mais minha audição. Obrigada pelo interesse.

A turma inteira riu do colega, que encolheu-se na carteira, mentalmente xingando a professora de todos os palavrões que conhecia. Luiza, por sua vez, procurou ignorar a situação; não podia perder a compostura a essa altura, ainda mais com a presença do faxineiro, que acabara de pedir licença para adiantar seu serviço na limpeza da sala de modo a poder ir para casa antes que a chuva piorasse.

Luiza também queria ir logo embora, haja vista o adiantado da hora, e procurou se adiantar. Passou novamente os olhos pela lista e depois pela sala e percebeu a ausência de apenas um de seus alunos, um dos poucos, aliás, que ela ainda considerava dignos de conseguir aprender algo com ela.

– Alguém sabe do Felipe? – perguntou a turma.

– Não veio, professora – respondeu o aluno com quem Ricardo havia conversado antes. – Ele ‘tá doente. A mãe dele me pediu para levar pra ele o dever de casa.

– Muito bem.

Nesse instante um clarão fez com que a tarde escura se iluminasse como uma manhã de sol e logo depois um barulho ensurdecedor fez toda a escola tremer, assustando toda a turma. Luiza tratou de acalmá-los, afirmando ser apenas um trovão, mas ela mesma estava com os nervos a flor da pele pois, apesar de nunca ter tido medo de tempestades, tampouco havia escutado trovão com tamanha intensidade. E tampouco havia sentido tudo estremecer como que um eco do fenômeno, fato, aliás, que todos na sala perceberam. O faxineiro, que estava limpando a janela perto de sua mesa, franziu o cenho ao olhar para fora e teve apenas uma fração de segundos para processar que o que via seria a última coisa que veria na vida.

Antes que ele pudesse pronunciar qualquer palavra de alerta ou se arrepender de todos seus pecados, toda a parede veio abaixo sobre ele, Luiza, Ricardo e todos os outros alunos, seguida por uma enxurrada de terra molhada e pedras que deslizaram do barranco ao lado da escola. Tudo ficou escuro e os gritos de terror foram quase que instantaneamente abafados. Era o fim.